



## ARTES PLÁSTICAS

VERA PEDROSA

## REVISÃO (2)

Continuando a revisão dos acontecimentos artísticos do ano, vamos ao setor das mostras individuais. Houve, de maior destaque, as mostras de gravuras de Fayga Ostrower no Museu de Arte Moderna; do Labirinto de Lygia Clark, também no Museu; Ione Saldanha, à qual voltaremos oportunamente), na Galeria Bonino, Eduardo Sued, na Bonino, Gastão Henrique, na Petite Galerie, Rubens Gerchman, na **Relêvo**. No campo dos jovens, três paulistas revelaram talento marcado: Bavardelli, Fajardo e Rezende, que expuseram na Petite Galerie. As "subpaisagens" de Dileny Campos expostas no Atêrro e a mostra de Maria do Carmo Secco, na Petite, foram de alta qualidade. **Ivan Serpa**, que voltou a um quase concretismo, na sua mostra da Bonino, destacou-se mais pelos desenhos, fazendo uma pintura que deixou poucas recordações. Frans Krajcberg, no Gabinete de Arte Botafogo, realizou uma das exposições mais prestigiosas do ano, enveredando por uma linha nova nos relevos com som-

bras projetadas. Darel também compareceu bem, com desenhos sobre tela. Ana Letícia e Farnese, agora no fim do ano, mostraram na Picola Galeria os trabalhos enviados à Bienal de Veneza. Ana, já mais estabelecida, num grande período, Farnese, em seguida à fase de figuras rígidas cercadas de pesadas tarjas pretas, sobre fundo **bordeaux**, uma fase comercial, descobrindo uma linguagem mais fina, mais sensível. Antônio Maia fez sucesso, levantando o prêmio IBEU. Na sua mostra do Gabinete Botafogo compareceu com alguns trabalhos líricos e meditados. José Lima, na Tenreiro, em nova pesquisa — jogos de figura e fundo elaborados através de um relêvo obtido com arruelas. Agradaram-me particularmente as gravuras mais movimentadas, onde efeitos de alto contraste somavam um certo mistério ao tema. O paulista Néelson Leirner e Marcelo Nitsche, no Museu de Arte Moderna, contribuíram com imaginação e sangue novo à causa da vanguarda. Júlio Plaza, Roberto Lanari, Samy Mattar, Regina Vater, Tere-

sa Simões, Cybele Varela, todos trabalharam com bons resultados. Houve umas mostras comerciais, de trabalho "bem feitos" mas sem maior validade, enquanto pesquisa artística: Bianco e Teruz representando a velha guarda. Na escultura, Fernando Jackson expôs no Atêrro, com os trabalhos mais expressivos correspondendo a fase anterior à atual.

Experiência bem sucedida foi a da Feira de Arte da AIAP. O sentido maior não foi o de realizar uma exposição de bom nível, mas o de tentar criar uma espécie de mercado direto, sem intermediários. A I Feira foi a mais válida, a de Natal e a da Tijuca tendo ficado prejudicadas pela má qualidade excessiva dos trabalhos. A predominância absoluta de trabalhos ruins, como se sabe, "estraga o olho" do espectador, perturbando sua aceitação do que poderia ser melhor. Mas o fato de que a Bienal de São Paulo vai enveredar pela mesma tentativa mostra o interesse que a abertura democrática (todo mundo expõe) pode encerrar. Desde que pessoas de nível compareçam; é claro.

